

O Uso Combinado das Fábulas de Düss e do Teste de Apercepção Temática para Crianças no diagnóstico psiquiátrico Infantil.

Introdução

No caminho da evolução, o ser humano segue uma linha de expressão que vai do gesto à palavra. O gesto como movimento do corpo para exprimir uma idéia ou sentimentos para realçar a expressão. A palavra se revela como um conjunto de sons articulados com uma significação e com a faculdade de expressar idéias também por meio da voz. A linguagem se apresenta como um conjunto de sinais falados, escritos ou gesticulados pelo homem com a finalidade de comunicar o que passa em seu pensamento, seus sentimentos, sensações, através de palavras ou qualquer outro meio. Neste sentido a comunicação ocorre de duas formas.

A linguagem *verbal* é composta por palavras e frases, linguagem falada ou escrita. Parte atraente do universo adulto, a escrita exerce uma verdadeira fascinação sobre a criança, antes mesmo de ela poder traçar verdadeiros signos. Muito cedo ela tenta imitar a escrita dos adultos. Porém, mais tarde, quando ingressa na escola, verifica-se uma diminuição da produção gráfica, já que a escrita (considerada mais importante) passa a concorrer com o desenho.

A linguagem *não verbal*, composta pelos outros elementos envolvidos neste processo, como gestos, tom da voz, postura corporal. Abuchaem (1988) menciona a linguagem corporal (não verbal) como a forma mais primitiva através da postura do corpo ou da expressão do rosto ou pela exageração de um detalhe do seu físico, o homem começou o seu longo processo de aprender a comunicar-se com o seu semelhante; está intimamente ligada à motricidade.

Sendo assim é importante considerar que o inconsciente fala com imagens simbólicas. Ocorre o uso de significados simbólicos comuns na psicanálise e no folclore. Na experiência clínica observam-se os mecanismos de deslocamento e identificação, assim como uma ampla gama de fenômenos patológicos (compulsão, obsessão, perversão, fobias, psicoses). Ocorre o desvelar do simbolismo usado nos desenhos mediante as associações do paciente. Tem-se a evidência empírica derivada de desenhos prévios de pacientes, a comparação de desenhos de sujeitos já diagnosticados com os dos sujeitos que estão sendo avaliados.

Campo bem definido e consolidado, a Avaliação é básica para a vida humana. É uma área

ampla e flexível, utilizada para seleção de pessoal, conhecer o desenvolvimento sensório-motor do sujeito, investigação do nível intelectual, útil também na educação, concursos, trânsito, entre outros. De acordo com o Manual de Elaboração de Documentos Decorrentes de Avaliações Psicológicas, proposto no Conselho Federal Psicologia (2002), a avaliação psicológica é considerada um processo científico cujos dados coletados correspondem a informações acerca dos fenômenos psicológicos resultantes da relação do indivíduo com a sociedade.

Segundo Abuchaem (1986), a realização deste processo permite identificar a parte sadia e a parte enferma do paciente, possibilita uma indicação terapêutica adequada e contribui com elementos para a configuração de um prognóstico correto. A avaliação psicológica fornecerá um psicodiagnóstico que é conceituado como um estudo aprofundado de um caso individual, o qual possibilita uma descrição e compreensão acerca da personalidade do paciente, bem como auxilia na proposição de intervenções terapêuticas adequadas (Gonçalves, 2000).

As etapas de elaboração de um psicodiagnóstico, para Gonçalves (2000), são: primeiro contato ou entrevista inicial com o examinando; planejamento das técnicas e testes a serem administrados; fase do exame; encerramento do processo e devolução oral dos dados ao examinando; e por fim, informe escrito (laudo) para o requerente.

Ocampo (1990) chama a atenção para dois possíveis erros que podem ser cometidos durante uma avaliação psicológica. São eles: alongar ou reduzir em demasiado o seu processo. O prolongamento de uma avaliação pode implicar em sentimento de impotência frente ao paciente, transmissão de inquietude/ incerteza, surgimento de eventualidades e alimento de fantasias. A sua redução, ao contrário, pode resultar em déficit de informações, pouca compreensão do conflito e menosprezo pela problemática.

Os elementos constituintes de uma avaliação psicológica são basicamente o psicólogo e o examinando. Estes últimos sentem-se motivados a procurar um atendimento psicológico ou a elaborar um psicodiagnóstico quando percebem mudanças negativas em si mesmos, através de inibições, sintomas, queixas e protestos (Bleger, 1985; Gonçalves, 2000). O psicólogo, por sua vez, cujo papel principal é captar o mundo do paciente através de sua presença ativa, confrontará suas próprias vivências, emoções e carências frente ao paciente, devendo resolvê-las a fim de que se estabeleça uma relação saudável. É importante, ainda, que ele reconheça os seus limites e forme uma sólida base teórica.

Existem dois processos que podem ocorrer na relação psicólogo-paciente que requerem um pouco mais de cautela. O primeiro processo é chamado de transferência, que consiste na atualização de sentimentos e atitudes inconscientes por parte do paciente, o qual atribui certos papéis ao psicólogo. O contrário também pode ocorrer. É a chamada contra-transferência que são respostas emocionais do psicólogo às manifestações do paciente. De acordo com Gonçalves (2000), a aliança terapêutica é uma relação não neurótica racional que o paciente desenvolve com o psicólogo, o qual permite avaliar o prognóstico da situação.

Para Ocampo (1990), durante a avaliação psicológica devem ser mantidas constantes algumas variáveis, como o esclarecimento dos respectivos papéis, lugares onde serão realizadas as entrevistas, horários, duração do processo e honorários, com o objetivo de que estes fatores não afetem os resultados da tarefa diagnóstica. Este controle recebe o nome de enquadramento.

Os instrumentos utilizados nas avaliações psicológicas são geralmente métodos projetivos associados a entrevistas. Estes métodos projetivos consistem em técnicas de estimular a imaginação, de evocar e expor fantasias e imagens simples, que correspondem às expressões pessoais e da personalidade do testando (Anzieu, 1981; Cunha 2000).

O presente estudo consistiu na avaliação psicodiagnóstica de uma criança de 11 anos de idade, do sexo feminino. Realizou-se uma Entrevista Inicial a fim de alcançar uma primeira impressão do examinando, verificar qual seu discurso, avaliar incoerências neste, planejamento da bateria de testes. Em seguida foi realizada uma Entrevista Pautada com a mãe da criança, na qual se observou as inter-relações entre acontecimentos do mundo interno e externo da criança.

Durante o planejamento das técnicas e testes a serem administrados optou-se pela utilização de duas técnicas verbais: as Fábulas de Düss e o Teste de Apercepção Temática para Crianças. A escolha dos testes ocorreu devido à idade do sujeito avaliado e por serem técnicas ainda pouco exploradas no Brasil e neste sentido demandam maior detalhamento teórico, feito na sessão a seguir.

Encerrou-se o processo com a devolução do resultado obtido através da análise e da interpretação dos dados coletados por meio da entrevista devolutiva, que consistiu na transmissão ao sujeito e aos pais, de forma compreensível, dos resultados obtidos no psicodiagnóstico.

Teste de Apercepção Temática para Crianças (CAT)

O teste de apercepção temática infantil, que descende diretamente do Teste de Apercepção Temática para Adultos (TAT), foi elaborado pelo psiquiatra americano Leopold Bellak, em 1949, como uma técnica projetiva de avaliação da personalidade destinada a crianças de 3 a 10 anos de idade, já que estas se identificam facilmente com figuras animais, dado ao importante papel que estas desempenham nas fobias e fantasias infantis (Gonçalves, 2005).

Tendo em vista que o Teste de Apercepção Temática para adultos (Cunha, 2000) não preenchia certas necessidades da investigação infantil e face ao pressuposto da preferência das crianças por animais como figuras de identificação, Bellak, em colaboração com Sonya Sorrel Bellak, delineou situações fundamentais, que poderiam revelar certos aspectos dinâmicos das relações interpessoais infantis. Segundo Cunha (2000), foram criadas com esta finalidade 10 lâminas, pelo fato de as crianças de distraírem mais facilmente, apresentando cenas de animais em situações humanas, a fim de se chegar à compreensão da criança em relação ao seu mundo externo (figuras importantes) e ao seu mundo interno (impulsos e fantasias).

De acordo com Gonçalves (2005), as respostas suscitadas pelas gravuras correspondem a problemas de alimentação e dificuldades orais, rivalidade entre irmãos, atitudes frente às figuras parentais, agressão, aceitação pelo mundo adulto, temores noturno, masturbação e higiene pessoal.

O CAT é um teste projetivo, temático, verbal, constituído por 10 lâminas, aplicado às crianças como um jogo, que devem “entrar na brincadeira” elaborando uma história a partir da cena em cada prancha, tal qual o HTP. Como elas, geralmente, interagem mais com o aplicador, é necessário que o psicólogo mantenha um bom controle da situação e uma rígida observação das verbalizações feitas por elas, a fim de que o teste alcance o seu objetivo, sem que o aplicador influencie as respostas das crianças (Gonçalves, 2005).

O teste de apercepção infantil permite que seja realizada uma investigação diagnóstica, especialmente com o objetivo de formulação dinâmica e uma identificação do estágio do desenvolvimento infantil, para detectar possíveis desvios. É administrada de forma individual, com tempo variável, recomendando-se que não seja ultrapassado 60 minutos (Cunha, 2000).

Como Gonçalves (2005) afirma, o autor do CAT, assim como o do TAT, propõe para a interpretação do teste as análises de conteúdo e formal. Na análise de conteúdo serão analisados

aspectos como o tema, o herói, as necessidades principais do herói, a concepção do meio ambiente, figuras, conflitos significativos, natureza das ansiedades e os principais mecanismos de defesas empregados contra os impulsos (como a formação reativa, anulação, ambivalência, rejeição, ilusão, simbolização, projeção e introjeção, dentre outros).

Além da análise de conteúdo, recomenda-se que seja feita uma análise formal, onde serão observados: o tempo de reação, as pausas dentro da história, a necessidade questionar da criança, a seqüência lógica ou ilógica do que é verbalizado, o tipo de linguagem utilizada, a natureza, rigidez e labilidade na elaboração da história, e o controle fraco ou forte do participante na realização da tarefa (Shentoub *apud* Gonçalves, 2005).

A síntese elaborada pelo psicólogo deve constar os resultados obtidos com a postura da criança durante a aplicação do teste e dados referentes ao nível intelectual, contato com a realidade, relações interpessoais, atitude para com o self, nível de desenvolvimento psicosssexual, aspecto emocional, desenvolvimento do superego, mecanismos de defesa e ajustamento adequado.

As Fábulas de Düss

Em 1940, Louisa Düss, psicanalista suíça, começou a investigar histórias incompletas com o intuito de que servissem de estímulos para explorar conflitos inconscientes. Contudo seu trabalho composto por 10 fábulas foi publicado apenas 10 anos após o início de sua pesquisa, em 1950, apresentando situações-problemas para os quais a criança deve encontrar solução. Fornece determinadas informações que devem ser elaboradas por meio de operações cognitivas, com base nas quais o sujeito pode produzir uma resposta lógica, derivada da esfera do ego livre de conflitos (Cunha, 2000).

Segundo Van Kolck (1975), nas histórias há sempre um herói, animal ou criança, que se encontra em uma determinada situação, representativa de um estágio de evolução do inconsciente, em que a criança deverá escolher qual o caminho o herói seguirá. As fábulas envolvem simbolismo e ambigüidade, facilitando assim, a projeção, a fim de que seja permitida a identificação de conflitos básicos.

Düss (1986) declara que as situações apresentadas pelas fábulas não são familiares às crianças, nem representam o ambiente escolar, para que, dessa forma, a criança não se

identifique com elas, com o intuito de não gerar ansiedade e medo de ser julgada. A ordem das fábulas começa pelas que apresentam complexos menos ligados à culpa, para não despertar os já citados aspectos nos participantes.

As fábulas são: (1) Fábula do Pássaro – permite descobrir a fixação da criança a um dos seus pais ou seu grau de independência; (2) Fábula do Aniversário de Casamento – propõe-se a verificar se o sujeito sofreu algum trauma no quarto dos pais, inveja das relações dos pais e a reação diante a cena primária; (3) Fábula do Carneirinho – possibilita explorar as reações ao desmame a às relações entre irmãos e irmãs; (4) Fábula do Enterro – permite explorar a agressividade, os desejos de morte, a culpa, a auto-punição; (5) Fábula do Medo – avalia angústia e auto punição; (6) Fábula do Elefante – possibilita examinar o complexo de castração; (7) Fábula do Objeto Fabricado – propõe-se a detectar se há caráter obstinado e possessivo da criança, estando diretamente relacionada à dinâmica da fase anal; (8) Fábula do Passeio com o Pai e a Mãe – permite desencadear processos ligados ao conflito edípiano; (9) Fábula da Notícia – possibilita conhecer os desejos ou temores da criança; e, por fim, a (10) Fábula do Sonho Mau – a fim de obter o controle das fábulas anteriores.

De acordo com o que foi visto sobre a proposta de cada fábula, podemos concluir que esta técnica permite elaborar um diagnóstico dos complexos e conflitos, explorar o fenômeno da resistência, submeter certas conclusões empíricas da psicanálise a uma verificação experimental e, ainda, verificar a existência de diversos complexos, como o de Édipo, castração, Caim e culpa.

Este teste é indicado para crianças com idade a partir de 3 anos, aplicado individualmente para fins diagnósticos, com tempo variando em um intervalo de 15 a 30 minutos, dependendo do inquérito sobre as histórias (Van Kolck, 1975). Deve-se anotar o tempo de reação e as verbalizações do sujeito, a fim de obter mais subsídios para a análise. Ao aplicar o teste, deve-se dizer à criança que ela deve adivinhar como as histórias continuam, enquanto para as crianças maiores, deve-se apresentá-lo como um teste de imaginação, onde não há respostas certas ou erradas.

O psicólogo deve contar a história de forma direta e com envolvimento e entusiasmo, como se estivesse representando a fábula, policiando-se sempre para não influenciar a criança devido à entonação e a ênfase dada em alguma parte da história. O inquérito irá ajudar a esclarecer alguns dados de cada história que a criança contou. Supõe-se um conflito quando o comportamento apresenta as seguintes características: resposta imediata e inesperada,

persistência do conflito em outras fábulas, silêncio e resistência a responder, respostas sussurradas e apresentadas rapidamente, e desejo do sujeito de recomeçar o teste (Düss, 1986).

As fábulas correspondem a um estudo experimental sobre problemas de resistência em crianças, realizadas com base em normas suíças, através de uma pesquisa com 65 sujeitos (43 crianças e 22 adultos). Estes dados podem ser úteis no sentido de orientar a interpretação, não devendo ser entendidos como um guia que deve ser seguido rigidamente (Van Kolck, 1975).

Nas próximas sessões serão apresentados o sujeito e o resultado da aplicação dos testes.

Sujeito Avaliado

O sujeito avaliado foi uma criança com a idade de 11 anos e seis meses, sexo feminino, aluna da 4ª série do ensino fundamental de um grupo escolar, residente no município de Gurinhem no estado da Paraíba, no Brasil.

A estrutura familiar é composta pelo pai, cujo nível de escolaridade é o ensino fundamental e trabalha como ajudante de pedreiro e devido ao ofício passa muitos dias fora de casa; a mãe, que cursou o ensino fundamental e não trabalha; duas irmãs mais velhas, a primeira com 16 anos e a segunda com 15 anos e ambas freqüentam a escola. A família reside num sítio, cuja casa era inicialmente composta por 4 cômodos: sala, cozinha, banheiro e um quarto. O fato de ter dividido o quarto com os pais e as irmãs até a idade de 6 anos emergirá em algumas de suas respostas aos testes. Após esta idade ela e as irmãs passaram a dividir outro quarto construído pelo pai.

Na Entrevista Pautada a mãe afirmou que a criança é tranqüila, esperta e sociável. Não apresentou nenhuma queixa sobre seu comportamento, linguagem ou desenvolvimento motor. Relatou que a criança tem um bom rendimento escolar, realizava as atividades sozinha e que nunca houve nenhuma reclamação por parte da escola. A mãe afirmou ainda que ela tem uma boa relação com as irmãs e com o pai.

Na ocasião do estudo a criança se encontrava interna havia 3 semanas, sob a queixa de inchaço nos pés e no rosto, à espera da realização de exames e de resultados dos exames já realizados. Até finalização do estudo a criança não havia recebido o diagnóstico. A criança não se encontrava sob efeito de nenhuma medicação, tinha boa aparência e higiene. Apresentava uma

boa relação com os companheiros do leito e a equipe médica. Assim como desenvolveu uma relação tranqüila e receptiva com os aplicadores.

Resultados e Discussão

De modo a facilitar a compreensão das respostas e da análise, apresenta-se abaixo um quadro explicativo:

Quadro1 – Análise das Respostas da criança às Fábulas de Düss

Fábula	Resposta	Análise
1. Fábula do Pássaro	- “Voou para a árvore” - <i>(Qual?)</i> - “A da mamãe”	Resposta adequada aos padrões normais.
2. Fábula do Aniversário de Casamento	- “Porque estava triste. Porque estava feliz. Porque estava triste.” - <i>(Por quê?)</i> - Porque os pais se casaram.	Está fábula se propõe a identificar reações que remetem à inveja da relação com os pais, o trauma do quarto, a cena primária. A criança dormiu até os seis anos no quarto dos pais.
3. Fábula do Carneirinho	- “Vai comer capim. Fica bravo. O novinho bebe leite.”	Resposta adequada aos padrões normais.
4. Fábula do Enterro	- “Uma mulher” - <i>(Quem é?)</i> - “A esposa do homem”	Indicador de hostilidade em relação ao casamento dos pais
5. Fábula do Medo	- “De um bicho” - <i>(Que bicho?)</i> - “Um sapo. Um papa-figo. - <i>(O que faria se a pegasse?)</i> - Comia o fígado dela. O papa-figo comeu o fígado do menino, a mãe saiu, o papa-figo comeu e o emborcou. O povo diz.	Resposta adequada aos padrões normais.
6. Fábula do Elefante	- “Mudou porque estava triste” - <i>(Mudou a aparência?)</i>	Resposta adequada aos padrões normais.

	- “O rosto. Tava de cara feia, mas não sei por quê.”	
7. Fábula do Objeto	- “Pode dar”	Resposta adequada aos padrões normais.
8. Fábula do Passeio	[Apresentou confusão] - Porque o pai não a chamou para passear.	Indicador de Complexo de Édipo não resolvido.
9. Fábula da Notícia	- “Fazer uma festa de aniversário” - <i>(Para quem?)</i> - “O menino. Conta porque é fofoqueira.”	Resposta adequada aos padrões normais.
10. Fábula do Sonho Mau	- “Teve um pesadelo” - <i>(Como?)</i> - “O homem a pegava e a matava, porque ela estava sozinha, e a levou para um canto e matou ela.”	Possível resíduo de culpabilidade edípiana.

Quadro 2 – Respostas da criança ao CAT

Lâmina	Respostas
1ª Lâmina: Pintinhos	- Ai Ai! Sei não! - Estão comendo... Não estão ainda... A galinha olhando, todos sentados na mesa. - Não!
2ª Lâmina: Ursos	- Disputa para ver quem cai na lama... Quem é o mais forte! Dois contra um puxando uma corda... Lama!
3ª Lâmina: Leão e ratinho	- O rei dos reis! É um velhinho fumando... Velho triste... Olha o cachimbo!
4ª Lâmina: Cangurus	- A mamãe andando de bicicleta com os filhotes! Como é o nome desse bicho? - Vão fazer um piquenique. O que é isso?... Deve ser uma bola. O natal!
5ª Lâmina: Quarto	- Os bebês dentro “dum” berço. - Dois bebês! - Uma cama, as janelas... Pronto!
6ª Lâmina: Ursos na caverna	- O que é isso? Os ursos namorando numa pedra... Dentro de uma pedra! O bebê acordado. Fim!
7ª Lâmina: Tigre e o macaco	- Esse aí vai matar o pobrezinho do macaco! - Tigre... Era uma vez um tigre que queria

	pegar um macaco para comer. - Ele morreu!
8ª Lâmina: Macacos na sala	- Nossa... Que fofoqueira! Era uma vez duas fofoqueiras e um pai muito brigão, que brigava com o macaquinho... - Porque o macaquinho deve “ta” fazendo uma coisa errada... A vovó!
9ª Lâmina: Coelho no berço	- Um coelhinho dentro do berço! Era uma vez um coelhinho dentro do berço chorando... - Porque não “tava” vendo a mamãe coelha! - Andando... Passeando... Fim!
10ª Lâmina: Cachorros	- Oooh gostei dessa aí! A cachorra alisando um cachorrinho! Era uma vez uma cachorra que gostava muito de um cachorrinho e botou ele no colo e ficou alisando e cheirando, e brincando... No banheiro! - Porque ele está com dor de barriga!

A análise do conteúdo das respostas ao CAT revelou alguns aspectos que corroboraram as conclusões obtidas com o Teste das Fábulas e com as Entrevistas Inicial e Pautada.

A resposta dada em relação à Lâmina 1 mostrou a resolução tranqüila da fase oral e como lidou bem com a situação de desmame. Não revelou aspectos de rivalidade entre irmãos. Como mencionou a “galinha”, desenhada de modo indistinto, pode sinalizar a presença da atenção materna. Na concepção da cena, fala na “mesa” e como a mãe mencionou na Entrevista Pautada seu costume de se alimentar sempre na mesa mostra a projeção da criança nesta cena. Ao voltar atrás na primeira resposta dada apresenta como defesa a ambivalência, de acordo com Mary R. Haworth (citado por Montagna, 1989).

A criança percebe a Lâmina 2 como uma disputa, um jogo, para ver quem é o mais forte, e quem vai cair na lama. Ela também reconhece a desigualdade entre dois puxando a corda contra um, atentando para a situação de desvantagem e faz alusão ao fato de que alguém perde o que revela uma possível rivalidade com uma autoridade. A lama chama sua atenção, talvez por associá-la ao ambiente onde vive. A natureza da ansiedade pode partir da situação de competição que a cena aborda. Não é possível observar com quem a criança se identifica.

Em relação à Lâmina 3 ela reconhece o leão como o rei dos reis, o que remete à uma figura de autoridade. Suscita representações da figura paterna a qual pode é percebida como idosa e triste (defesa). O objeto fálico (o cachimbo) chama sua atenção, confirmando a associação com o masculino. Há a omissão do ratinho, o que pode significar um sentimento de inferioridade em relação ao pai.

No tocante à Lâmina 4 mais uma vez revela a inexistência de rivalidade entre irmãos. Não se identifica com nenhum dos filhotes, mas alude a uma boa relação com a “mamãe”. Atenta para a cesta e relaciona-a com “piquenique” o que é uma resposta esperada.

Pelo caráter puramente descritivo da resposta dada na Lâmina 5 possivelmente não ocorre a projeção. Não faz nenhuma alusão à cena primitiva, o que pode ser justificado através da fala da mãe na Entrevista Pautada que afirma não discutir, nem incentivar a curiosidade sexual das filhas.

Como o esperado a criança revela na Lâmina 6 o que omitiu, talvez por defesa, na Lâmina anterior. O Complexo de Édipo surge em sua resposta na medida em que percebe inicialmente o casal “namorando” e num segundo momento percebe o bebê “acordado”. Esta resposta pode ter relação com o fato de a criança ter dividido o quarto com os pais até os 6 anos.

Medo de agressão e maneiras de enfrentá-lo são expostas na Lâmina 7. Porém a criança se mostra, através de sua resposta, indefesa no caso de uma identificação com o macaco. A agressão ocorre e chega ao extremo. A ansiedade surge nesta Lâmina na forma de desamparo e se transforma em rejeição. O tigre faz uma alusão ao mundo adulto e a criança apresenta medo diante deste.

Na Lâmina 8 a criança menciona dois temas principais: o da fofoca e a bronca do pai. É como ela se coloca nas relações sociais e na relação familiar. A questão da “fofoca” é comum em seu contexto, visto que ela mora em sítio, no interior, onde é notável uma presença forte do julgamento moral da vida alheia. O macaco dominante é identificado como “pai muito brigão” e é percebido como poderoso e inibitório o que pode ser mais um indício de sentimento de inferioridade frente à figura paterna assim como mostrou a Lâmina 3.

Como era esperado, na Lâmina 9, a resposta revelou o medo do abandono, no caso, da mãe. Mais uma vez ela introduz a expressão de “tristeza” no herói principal o que pode ser atribuída à situação de internamento, havendo a projeção e identificação com o herói. É válido

mencionar que a mãe da criança havia viajado dois dias antes da aplicação, a criança estava acompanhada pela tia.

Finalmente na Lâmina 10 a criança demonstra não houve conflito no treino ao banheiro e nenhum conflito em termos de masturbação, visto que a criança menciona em sua resposta uma situação de brincadeira e afeto com a mãe. Porém é possível considerar que o fato de ter interpretado a cena diferente do que seria esperado pode revelar uma defesa. Segundo Mary R. Haworth (citado por Montagna, 1989) este mecanismo é chamado *isolamento onde tira a carga afetiva do estímulo*, caracterizada pelo riso diante do quadro, assim como faz exclamações. Este seria um aspecto que necessitaria ser melhor explorado.

Considerações Finais

De acordo com os dados coletados neste estudo de caso, observou-se que os instrumentos projetivos – tais como o CAT e as Fábulas de Düss – utilizados em associação, podem comunicar sobre o simbolismo, bem como desvelar o funcionamento psíquico mais profundo do sujeito infantil.

Com relação ao diagnóstico psiquiátrico, tais instrumentos em associação, permitem a elaboração e a organização, de forma concreta, dos dados, os quais ajudam na elaboração de uma avaliação mais completa.

Ademais, aponta-se para a necessidade de novos estudos, utilizando os referidos testes, no intuito de ampliar e consolidar o seu uso e aplicação, assim como para confirmar os dados aqui colhidos e levantar outros indicadores da vida psíquica infantil.

Referências Bibliográficas

Abuchaem, J. Obras psicanalíticas. Porto Alegre: Luzzato Editores, 1986.

Anzieu, D. Os métodos projetivos. Rio de Janeiro: Campus. 1981

Bleger, J. (1985). Temas de psicologia: entrevista e grupos. São Paulo: Martins Fontes

Conselho Federal de Psicologia. Manual de Elaboração de Documentos Decorrentes de Avaliações Psicológicas, 2002. Disponível em <<http://pol.org.br>>. Acesso em: 29/07/05

Cunha, JA. Psicodiagnóstico – V. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

Düss, L. Fábulas de Düss. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1986.

Gonçalves, CMTS. Introdução ao estudo do psicodiagnóstico clínico. João Pessoa: UFPB, 2000.

Gonçalves, CMTS. O teste de apercepção para crianças – CAT. João Pessoa: UFPB, 2005.

Montagna, ME. Análise e interpretação do CAT : teste de apercepção temática infantil. São Paulo: EPU, 1989

Ocampo, MLS. O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Van Kolck, OL Técnicas de Exame Psicológico: e suas aplicações no Brasil. [S.l.]: Vozes, 1975.